

A soma e o resto

Selvino Antonio Malfatti – Instituto de Filosofia Luso-Brasileira
Pós-Doutor em Filosofia – Universidade Nova de Lisboa (Portugal) e
Università degli Studi di Milano (Itália)
Fone de contato: (55)3259-1505
E-mail: samatti@gpsnet.com.br

Data de recepção: 13/03/2012
Data de aprovação: 12/05/2012

Resenha: CARDOSO, Fernando Henrique. *A Soma e o Resto*: um olhar sobre a vida aos 80 anos. 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 191p.

O presente livro de Fernando Henrique Cardoso é um depoimento a Miguel Darcy de Oliveira. Está dividido em três partes: *Caminhos*, *Mapa Mundi* e *Luzes e Sombras*.

No primeiro item fala sobre a família, formação e influências. A primeira, família, era classe média e culta. Quanto à formação foi bastante eclética, pois teve fundamentos positivistas, racionalistas, funcionalistas, marxistas e weberianos. Quanto às influências ideológicas experimentou comunismo, socialismo e social democracia.

A trajetória deste intelectual e político poderia se resumir em dez linhas bem como estendê-la em dez volumes. Penso que a primeira alternativa é mais didática, deixando a segunda para especialistas. Fernando Henrique Cardoso experimentou nos grandes momentos de decisão de sua vida o inesperado. Quando

tudo levava a crer que ocorreria um determinado desfecho, repentinamente surge outro, não previsto. O inesperado foi a marca de sua trajetória, tanto intelectual como política.

Fernando Henrique Cardoso é natural do Rio de Janeiro. Nascido em 1931, tinha 33 anos quando ocorre o Golpe Militar de 1964. A partir daí começa o envolvimento com a política.

A perspectiva projetada pelos seus familiares era carreira brilhante como jurista. Não se concretizou: foi estudar ciências sociais. O mais lógico seria descobrir o mundo pelo viés do Brasil. Foi pelo da França. Para alguém que detestava a força se poderia desenhar uma vida pacífica. Ocorreu o contrário: foi obrigado por imposição a deixar o Brasil. O sonho era o mundo intelectual da Europa. A opção foi a América Latina. Em vez de um modelo de mundo dos antepassados, defronta-se com o Movimento estudantil de 1968 da França. Sua carreira como intelectual estava praticamente consolidada na Europa. Abandona a vida acadêmica, sai do exílio e vem para a pátria. Luta com todas as forças para conquistar uma cátedra na USP e logo em seguida é cassado. O melhor seria ir embora, mas resolve ficar. Poderia ter se unido aos partidários da luta armada. Resolve criar uma resistência pacífica e por isso será criticado tanto pelo status quo político como pelos revolucionários. Diante do inesperado a virtú curva-se perante a Fortuna.

O balanço da vida encontra-se no título “Sonho e Realidade”. Primeiramente justifica a crença no ideal, no sonho, que ele denomina. Conforme Cardoso os sonhos alimentam nossa ação. Embora nunca se realizem são um alvo, um norte que direcionam

nossa ação. A realidade, por sua vez não é estática, mas fluida. Nem sempre a água está a 90°. Ela esquentando e esfria. Assim são as sociedades: ora fervem, ora esfriam.

A vida em sociedade tem regras. Sem elas as sociedades são impossíveis de existirem. É preciso que haja respeito à lei, às liberdades individuais e coletivas. Por isso as sociedades têm normas e os indivíduos, como membros delas, têm regras a serem seguidas. Mas individualmente têm direitos e como a vida é em sociedade esta também tem direitos. Por isso, tanto indivíduos como sociedade, ambos têm direitos e regras. Isto é o que faz o estado de direito, conforme ele.

Como a economia e a política são componentes desta sociedade configura-se então um tripé: Estado, sociedade e economia ou mercado. Um dos problemas atuais é que o mercado se sobrepôs à política e à sociedade. Conforme Fernando Henrique é preciso devolver urgentemente o comando para a sociedade, caso se quiser uma sociedade democrática politicamente. No entanto, os políticos e intelectuais que no passado formulavam políticas públicas com vistas à justiça atualmente tornaram impotentes perante o mercado. Como se isso não bastasse, a sociedade, através dos meios de comunicação, tornou-se evanescente, pois está em toda parte e não está em lugar nenhum. Diante desse quadro como é possível propor políticas públicas para o bem comum? O mercado é todo poderoso, os políticos e intelectuais impotentes e a sociedade dispersa. Conforme ele: “Há um divórcio crescente entre sociedade e política. O sistema político está em crise e a sociedade está criando novas formas de participação.

Mas os dois processos correm paralelos” (CARDOSO, 2011, p. 63)

No “Mapa Mundi” aborda questões que afetam a todos os povos. Um dos temas prediletos é a questão do novo que afeta as relações sociais e desestabilizam a convivência entre as novas gerações e as anteriores. Para ele, no passado projetava-se o modelo a ser seguido a partir do “anterior”: preparar-se, aplicar competentemente os conhecimentos, com isso estava garantido o sucesso e o futuro. Agora não é mais assim. As novas gerações não têm mais modelos. Vão, por assim dizer, aventurando, sem se importar com as consequências de seus atos ou a segurança no futuro. No passado, por exemplo, as empresas guardavam a sete chaves seus segredos. Atualmente se abrem e compartilham. As decisões menos esperadas confundem a todos. Há uma rede de comunicações que envolvem a todos criando uma gama de interdependência. Com isso criou-se um mundo cultural multipolar. Isto se reflete também na economia e na política. A globalização não centralizou, como se previa, mas descentralizou. Fez surgir novos mercados e potências econômicas, como a China e em parte, o Brasil.

A América Latina, que foi o começo da vida intelectual de Cardoso, irá ocupar também o fecho final. A análise ora abrange regiões, ora foca-se em países individuais. Seguindo a análise do próprio autor, que começa, com o México dizendo que teve o privilégio da proximidade com os Estados Unidos, no entanto, a opção burocrática e corporativista o prejudica. Chile, Colômbia, Peru e Uruguai conquistaram um grande avanço. A Argentina fechou-

se sobre si mesmo e nega-se abrir-se, levando-a à estagnação. Contudo, o protótipo da regressão é a Venezuela. A Bolívia se destaca na preservação da cultura indígena. Já a América Central sofre com os problemas das drogas, em que pese ter encontrado nichos de mercado. Cuba tornou-se o símbolo da resistência da invasão cultural e econômica norteamericana. O problema é que este país não percebeu que o mundo mudou e continua vivendo uma história do passado, anterior à Queda do Muro de Berlim e ao fim do Império Russo. Cuba parou no tempo. Neste contexto, o Brasil ainda ocupa uma posição privilegiada. Não se fechou, abriga uma gama enorme cultural advinda das mais diferentes etnias. Isto não lhe confere um caráter de superioridade, mas de diferença.

Como será lembrado FHC, como intelectual ou político? Até o momento prevalece o político. E no futuro? Penso que também como político, pois a produção intelectual deu-se precisamente na pré-maturidade intelectual. Consequentemente ficará na história como um político intelectual, ao menos por enquanto.